



INTERPRETAÇÕES ALEGÓRICAS NOS FILMES “FROZEN” E “A BELA E A FERA”: A INTOLERÂNCIA COMO INDICATIVO DA BARBÁRIE SOCIAL

Fernando G. de Souza Neto

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Brasil

Endereço eletrônico: fernando.jandiroba@hotmail.com

Alice Vasconcelos Silva

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Brasil

Endereço eletrônico: alice18vasconcelos@gmail.com

Denise A. Brito Barreto

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), Brasil

Endereço eletrônico: deniseabrito@gmail.com

INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta uma análise das interpretações alegóricas presentes nas narrativas da animação “*Frozen*” (2013) e do filme “*A Bela e a Fera*” (2017), ambos dos estúdios *Walt Disney Pictures*, apontando para a barbárie social ocorrida como consequência do preconceito e da intolerância executada contra esses produtos culturais. Pretende-se evidenciar com isso os abusos cometidos por grupos da sociedade que buscam desprestigiar certas obras a partir de interpretações dúbias.

De acordo com Antoine Compagnon (1999), a alegoria é um tipo de interpretação que tende a fugir do sentido proposto pelo autor, apresentando uma “visão forçada” da obra que não condiz com o que foi proposto originalmente. Segundo o autor:

[a alegoria] trata-se de um modelo exegético que serve para atualizar um texto do qual estamos distanciados pelo tempo ou pelos costumes (de qualquer forma, pela cultura). Nós nos reapropriamos dele, emprestando-lhe um outro sentido [...] que nos convém atualmente. (COMPAGNON, 1999, p. 56)

Partindo da concepção teórico-literária, o objetivo desse trabalho é identificar os ataques sofridos pelos dois filmes já mencionados, utilizando o conhecimento da Teoria da Literatura para explicar as razões que levam as interpretações agressivas a serem entendidas como meras alegorias.



METODOLOGIA

A partir de uma abordagem crítico-historiográfica e através de análises sociológicas, pretende-se discutir as interpretações alegóricas que grupos da sociedade impõem às obras “*Frozen*” e “*A Bela e a Fera*”, a fim de apontar os aspectos sociais e literários que circundam as práticas preconceituosas e intransigentes na compreensão dessas narrativas. Dessa forma, utilizando referencial teórico e historiográfico, busca-se evidenciar as inconsistentes perspectivas que assolam esses filmes, retratando toda a obscuridade presente nos discursos repressivos que lhes são direcionados.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O ato de não aceitar certas obras, posicionando-as em contextos de imoralidade e inadequação às práticas e ideologias sociais vigentes, torna-se um marcador de intolerância intelectual dos diferentes indivíduos que compõem determinados grupos da sociedade. O movimento crítico-censurista que busca oprimir a arte, baseando-se em interpretações deturpadas, formalizadas à primeira vista, faz parte do histórico da humanidade e demonstra que, apesar das evoluções sociais alcançadas com o passar dos séculos, as velhas práticas de perseguição se mantêm para aquilo que não apresenta conformidade aos costumes de sua época. De acordo com Correia (2014), no decorrer do tempo, várias obras de arte sofreram perseguições guiadas pelo alto teor de intransigência interpretativa do público em questão:

A censura destas obras de arte aconteceu por motivos morais, querendo com isso impor-se uma concepção normativa da arte [...], e estabelecer dogmas que conduzem à incompreensão e à exclusão, e mesmo à destruição da obra e à repressão do seu autor. Devido à confusão entre os conceitos de *belo* e *bem*, a reprovação das obras de arte adota o vocabulário moralizador das acusações de subversão, decadência, corrupção, vulgaridade, e loucura, sendo por isso alvo de intolerância e rejeição. (CORREIA, 2014, p. 107).

Dentro do puritanismo exigido pelos nichos societários, questões como racismo, homofobia, xenofobia e intolerância religiosa e ideológica guiavam a busca pela censura das expressões artísticas apresentadas ao público. Um dos casos mais curiosos de opressão intelectual se deve à repressão ao livro “*O Retrato de Dorian Gray*” de Oscar



Wilde, publicado em 1890. Na época de lançamento do livro (século XIX), Wilde foi perseguido e preso em Londres por, supostamente, incitar a homossexualidade em sua recém lançada história. A partir de uma interpretação alegórica, o público leitor havia compreendido que o personagem Basil Hallward estaria apaixonado por Dorian Gray em detrimento da atitude de Basil, como um pintor, em sentir grande atração artística por usar Dorian como modelo. Essa característica do personagem foi considerada abominável pela comunidade londrina daquele período. Diante disso, Oscar Wilde obteve uma sentença de prisão por macular a juventude com a sua narrativa imoral, o que exemplifica a forma como a intolerância artística/intelectual, muitas vezes guiada por compreensões obscuras, compromete grandes obras, como é o caso do livro em questão.

Com base na continuidade das ações repressoras da arte, mesmo vivendo em uma época mais moderna, a barbárie social da intolerância, do conservadorismo e do preconceito continua operando em altos índices. A exemplo disso, é possível citar algumas produções *Walt Disney* que sofrem do mesmo tipo de interpretação.

O filme “*Frozen - Uma Aventura Congelante*” (título brasileiro) é um longa-metragem animado de 2013, produzido pela *Walt Disney Animation Studios* e dirigido por Chris Buck e Jennifer Lee. Após um sucesso estrondoso em todo o mundo que culminou com a premiação do Oscar, no Brasil, a animação sofreu alguns ataques por parte de uma notória representatividade política, conservadora e religiosa. O discurso defendido por esse indivíduo alegava que a personagem Elsa seria homossexual simplesmente por chegar à conclusão da trama sem um príncipe encantado. Além disso, foi também afirmado que esse fato apresentaria perigo para as espectadoras mirins da animação, pois iria influenciá-las a seguir o mesmo destino da personagem. Com a rápida circulação das informações orientadas pelas mídias digitais, esse discurso se tornou polêmico nas redes sociais e dividiu os internautas entre opositores e defensores, sendo possível perceber por parte de alguns indivíduos, discursos disseminando ódio e intolerância, causando longos debates pela *internet*.

Essa interpretação da personagem Elsa é entendida como alegórica pelo fato de não ser coerente com a narrativa da animação que, por sua vez, teve como objetivo construir, do início ao fim, uma relação intrincada entre Elsa e sua irmã, tendo a sua redenção no desfecho do filme. Ademais, é possível notar na animação a abordagem de

DISTOPIA, BARBÁRIE E CONTRAOFENSIVAS NO MUNDO CONTEMPORÂNEO



várias outras temáticas, como a relação entre pais e filhos e suas consequências para a vida adulta, a forma de encarar e lidar com as diferenças, entre muitas outras. Dessa forma, é mais plausível afirmar que o longa-metragem se propõe a mostrar a importância do amor fraternal, do perdão e da auto aceitação, não tendo intenção em abordar a orientação sexual da personagem.

Já com a versão em *live action*¹ da animação “A Bela e a Fera”, estreado em 2017 e dirigido por Bill Condon, as discussões nas redes sociais começaram desde antes do lançamento do filme. O fato aconteceu por consequência da notícia divulgada pelo próprio estúdio *Walt Disney Pictures* que o longa-metragem teria o primeiro personagem *gay* da história dos estúdios. Em muitos países houveram mobilizações para aumentar a classificação indicativa do filme, para cortar certas cenas consideradas inapropriadas e até mesmo para cancelar e adiar o lançamento do *live action*¹. Tudo isso somado às atitudes de líderes religiosos no Brasil que mobilizaram os fiéis a boicotarem não só a obra cinematográfica em questão, mas todos os produtos dos estúdios *Disney*, por incitar erotismo e homossexualidade nas crianças. De certa forma, todo esse discurso de ódio só serviu para prejudicar o lançamento do filme e para confundir os espectadores, pois no longa-metragem há cenas tão sutis com o personagem em questão que nem sequer condiz com a problematização instaurada. Vale ressaltar que todo o discurso conflituoso contra o filme “A Bela e a Fera” foi proposto bem antes da película ser lançada, ou seja, o movimento censurista (majoritariamente a parte religiosa do grupo) promoveu o seu discurso de ódio com base no que eles imaginavam sobre o roteiro.

CONCLUSÕES

Portanto, fica claro que a perseguição infundada e preconceituosa com os filmes “*Frozen*” e “A Bela e a Fera” tem como objetivo reprimir o grupo LGBT e o público feminino em prol de um moralismo equivocado. Deve-se aceitar a ideia absurda de que se uma personagem feminina não acabar se casando com um homem é por ser homossexual? Um filme não deve ter personagens *gays* para que as crianças não sejam

¹ *Live Action* é o termo que designa adaptações de animações produzidas com atores e atrizes reais



maculadas com a imoralidade do mundo, mesmo não havendo nenhuma cena explícita? Simplesmente, essas perguntas representam a barbárie que a sociedade insiste em manter em pleno século XXI. A intolerância, o preconceito e a ignorância ficam evidentes nos discursos que buscam demonizar as representações artísticas com base em interpretações absurdas da realidade das obras. É preciso ter em mente que a tentativa de censurar livros, filmes ou qualquer outra representação cultural, baseando-se em premissas e ideais que não cabem mais na sociedade moderna, representa um retrocesso intelectual e social significativo. A luz do conhecimento não pode ser suprimida pelas trevas da ignorância.

PALAVRAS-CHAVE: Interpretação; Alegoria; Intolerância; Moralidade.

REFERÊNCIAS

CORREIA, V. DISCRIMINAÇÃO E INTOLERÂNCIA NA ARTE. *Aufklärung*, João Pessoa, v. 1, n. 1, p. 95-116, abr. 2014.

COMPAGNON, Antoine. *O demônio da teoria: Literatura e senso comum*. Tradução Cleonice Paes Barreto Mourão. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

WILDE, Oscar. *O Retrato de Dorian Gray*. Tradução Doris Goettems. São Paulo: Editora LandMark, 2014.

Frozen (Frozen – uma aventura congelante). Produção: Walt Disney animation Studios. Direção: Cris Buck e Jannifer Lee. 102 min. Cor. 2013.

A Bela e a Fera. Produção. Produção: Walt Disney Motion Pictures USA; Mandeville Films. Direção: Bill Condon. 129 min. Cor. 2017.

SOARES, I. Damares afirma que princesa Elsa do filme Frozen é lésbica. *Correio Braziliense*, Brasília, 12 maio 2019. Disponível em: https://www.correio braziliense.com.br/app/noticia/politica/2019/05/12/interna_politica,754537/damares-afirma-que-princesa-elsa-do-filme-frozen-e-lesbica.shtml. Acesso em: 15 maio 2019, às 15:00.

Silva, P. H. 'A Bela e a Fera' estreia com boicote a personagem gay. *HOJE EM DIA*, Belo Horizonte, 16 mar. 2017. Disponível em: <https://www.hojeemdia.com.br/almanaque/a-bela-e-a-fera-estreia-com-boicote-a-personagem-gay-1.452118>. Acesso em: 27 abr. 2019, às 23:08.